



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

EZICLEY DA COSTA GODOI

**A (IN)SUBMISSA CONCEIÇÃO: (RE)LENDO O CONTO *MISSA DO GALO*, DE
MACHADO DE ASSIS**

GUARABIRA-PB

2017

EZICLEY DA COSTA GODOI

**A (IN)SUBMISSA CONCEIÇÃO: (RE)LENDO O CONTO *MISSA DO GALO*, DE
MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Letras da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de Licenciado em letras.

Orientador Prof. Dr. João Paulo Fernandes

GUARABIRA-PB

2017

G588i Godoi, Ezicley da Costa.

A (in) submissa Conceição: [manuscrito] : (re)lendo o conto Missa do galo, de Machado de Assis / Ezicley da Costa Godoi, Auricélio Soares Fernandes , Eduardo Henrique Cirilo Valones . - 2017. 17 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. João Paulo Fernandes , Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Literatura Brasileira. 2. Realismo Machadiano. 3. Personagem Feminina.

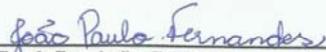
21. ed. CDD B869.3

Ezicley da Costa Godoi

A (IN)SUBMISSA CONCEIÇÃO: (RE)LENDO O CONTO *MISSA DO GALO*, DE
MACHADO DE ASSIS.

Aprovada em: ____/____/____.

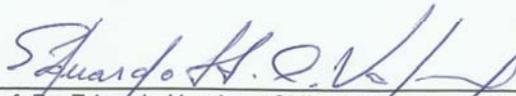
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. João Paulo Fernandes (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me Auricélio Soares Fernandes (Examinador 1)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones (Examinador 2)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A (IN)SUBMISSA CONCEIÇÃO: (RE)LENDO O CONTO *MISSA DO GALO*, DE MACHADO DE ASSIS.

GODOI, Ezicley da Costa¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo uma leitura do conto “Missa do Galo”, de Machado de Assis, mas precisamente um olhar que se volta à personagem Conceição, apresentando aqui uma das mulheres machadianas e suas nuances de sensualidade e indignação que (des) constroem o perfil da maioria das mulheres do século XIX. Para tanto, enfatizaremos os fundamentos teóricos de Gotlib (2006), Brait (2006), Bosi (2006), Candido (2004), entre outros que estabelecem diálogo com nossa pesquisa, na qual se evidencie a construção da personagem feminina. Nessa perspectiva, intentamos a (res) significação do lugar da mulher do século XIX, repensando suas atitudes e seu comportamento ambíguo e misterioso.

PALAVRAS-CHAVE: realismo machadiano; personagem feminina. (in) Submissão.

1 INTRODUÇÃO

O processo de retomada as bases literárias do contexto histórico onde se passa (tempo e espaço) da obra é bastante comum na esfera da literatura, uma vez que nos permite, através de seu legado registrado pela memória e pelas palavras,

¹ Formando em Letras no 2017.2, sob orientação do Professor Dr. João Paulo Fernandes.

reencontrar os séculos e suas representações, de modo que seus personagens ganham vozes, até mesmo àqueles aparentemente silenciados na narração ou na história.

Baseado na forma em que o escritor refere-se à construção física da personagem e sua atuação e participação em um espaço caracterizado e localizado no contexto social e cultural.

A essa altura dos estudos críticos, o analista deve considerar a “longa **tradição** do Estudo da personagem e, sem superestimar ou minimizar a função desse componente em relação aos outros que dão forma à narrativa, encontrar a sua especificidade na íntima relação existente entre essa e as demais instâncias do discurso literário.” (BRAIT, 2006, p.47).

É pensando nos contextos recriados pela ficção que objetivamos, neste artigo, identificar as marcas textuais que enfatizam o perfil feminino no conto *Missa do Galo*, de Machado de Assis, repensando afirmações acerca da mulher do século XIX. As mulheres dessa época subordinavam-se à autoridade masculina com naturalidade, pois o modelo de família patriarcal era imposto enquanto único a ser seguido e respeitado. Personagens que são capazes de sair de um mundo de reclusão e submissão para figurar num espaço social do masculino. Dirce Côrtes Riedel comprova como a narrativa machadiana e seus personagens inauguram um novo tipo de literatura ao apontar que:

a dissonância predominante entre o que os personagens leem e o que vivem no “real” da narrativa ou imaginam no seu real imaginário produz, na obra de Machado, entre outras significações: a) a crítica a uma cultura acanhada e bitolada, na qual a literatura lida é uma subliteratura, quase sempre de conceito decorativo; b) a crítica à maneira por que a leitura é usada, em geral como passatempo sem consequências ou como exibicionismo de uma cultura de fachada; c) a carnavalização do próprio texto de Machado, baseado em dissonâncias e inversões, e no qual quase tudo é ambivalente, porque visto por uma lógica às avessas. (RIEDEL, 1974, p.114.)

Diante desse contexto, as mulheres são representadas por Machado de Assis, a exemplo de Conceição no presente trabalho, por olhares oblíquos, vozes

dúbias e ações irônicas, as quais desconstruem estereótipos e/ou imagens antes internalizadas, seja por um contexto ou um conjunto de sujeitos de uma sociedade. Dessa forma, nosso olhar se volta à personagem feminina, na tentativa de compreender algumas das imposições sociais à mulher do século XIX, bem como suas ressonâncias na contemporaneidade.

Pelos personagens, o autor é capaz de recriar situações verossímeis à sociedade ou a comportamentos, atribuindo-lhes vozes exaltadas ou silenciadas para que expressem suas inquietações e (in)conformidades, as quais identificam o papel da mulher como o cerne de uma sociedade em construção.

Na passagem do conto oral para o escrito o autor pode se utilizar de recursos criativos, que estão ligados com a atuação dos personagens com acontecimentos vividos pelo autor ou não, como no livro *Formas Breves*, de Ricardo Piglia - o autor levanta a tese que todo conto conta dois contos.

O conto, no entanto, não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele, a realidade e ficção não tem limites precisos. Um relato copia-se; um conto inventa-se, afirma Raul Castagnino. A esta altura, não importa averiguar se há verdade ou falsidade: o que existe é já a ficção, a arte de inventar um modo de se representar algo. (GOTLIB, 2006, p. 12).

Outra categoria importante que dialoga diretamente com os personagens é o narrador, que delinea o enredo ao leitor, que aqui perseguiremos para compreensão da trama machadiana. Não é à toa que Machado de Assis recebe o adjetivo de célebre contista, uma vez que não há previsibilidade, ou seja, seu interlocutor se depara com situações inusitadas, as quais foram recriadas à imagem e semelhança de situações cotidianas.

Seus narradores se mostram em tramas e memórias que excedem a compreensão do leitor, muitas vezes exigindo maior atenção, na qual a mistura de elementos externos se funde aos internos, permitindo que possamos acessar pensamentos inerentes a homens e mulheres marcados por uma época ou contexto social, a exemplo do que afirma Bosi:

O objeto principal de Machado de Assis é o comportamento humano. Esse horizonte é atingido mediante a percepção de palavras, pensamentos, obras e silêncios de personagens que representam homens e mulheres que viveram no Rio de Janeiro durante o Segundo Império. (BOSI, 1999, p.11).

Tais questões nos conduzem, metodologicamente, a propor nossa leitura nos diálogos estabelecidos pelo conto *Missa do Galo* (*nome do conto – entre aspas*) e as reflexões teóricas, os quais auxiliam a construção de sentidos. Operar nessa perspectiva nos permite à reconstrução de sentidos pelas indeterminações dos silêncios, em nossa análise, acentuadas por Conceição.

Dessa forma, buscamos compreender a narrativa machadiana e sua interface com o realismo, que situam de forma atemporal vozes subjetivas para a (res) significação de sujeitos marginalizados pelos grupos hegemônicos de uma sociedade, como acontece na relação masculino x feminino.

Frente às questões organizacionais da narrativa literária machadiana, nossa pesquisa se organiza, inicialmente, pela antecipação do objeto e objetivo que nos permitem olhar Conceição, a qual se projeta no contexto realista; trazido aqui pelo viés teórico de um período que se firma entre o romantismo e o modernismo, por último, refletimos sobre a postura da mulher machadiana, na tentativa de reconhecer nuances que desconstruem estereótipos do patriarcado.

2 D(O) REALISMO MACHADIANO

“Genericamente, o vocábulo designa toda tendência estética centrada no ‘real’, entendido como a soma dos objetos e seres que compõem o mundo concreto e social.” (MOISÉS, 2004, p. 378).

Em síntese, o *Realismo* pode ser considerado a partir da epígrafe acima, genericamente, como afirma Moisés. No entanto, o aspecto literário não se limita ao genérico, pede atenção, àquela dedicada à pintura, na tentativa de alcançar camadas intrínsecas à literatura, independente de sua adjetivação.

Sem pretensões de abrangência ao legado machadiano, buscamos reconhecer o escritor carioca, nascido em 21 de junho de 1839, como um dos principais representantes do movimento literário realista, no qual se insere o conto *Missa do Galo*, objeto de nosso estudo. Pretendemos, sim, reconhecer na personagem Conceição as marcas da tendência literária que a diferencia; não por ser mulher, porém, por desconstruir estereótipos cristalizados socialmente.

Aproximamos movimento literário e autor a partir da leitura proposta ao conto *Missa do Galo*, não pela sua cronologia, mas pela atemporalidade que retrata o Realismo brasileiro, transcende o Modernismo e a Contemporaneidade. Nesse processo de transcendência, vemos a possibilidade de reencontro com temas que provocam reflexões aos seus leitores em relação à visão de mundo.

[...] é como movimento, ou moda, vigente na segunda metade do século XIX, que o Realismo deve ser focalizado. As suas origens situam-se na França e nas artes plásticas: antes que os homens de letras, os pintores reagiram violentamente contra o Romantismo, identificado com a pintura idealista e imaginativa, não raro feita de memória. (MOISÉS, 2004, p. 378).

No contexto da obra machadiana, as características francesas são preservadas, de modo que se acrescentam singularidades notadas, especialmente, na poética narrada em contos e romances representativos dessa época, a exemplos de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Dom Casmurro* (1899), lembrando que Machado de Assis era grande admirador e seguidor de Poe e muito de seus contos expõem uma certa inspiração e intertextualidade “O Enfermeiro” e “O Coração Denunciador”, “A Causa Secreta” e “O Barril de Amontillado”.

Em oposição ao subjetivismo romântico, surge o surge o enfoque realista, aqui considerado pelo ponto de vista machadiano em representar uma sociedade carioca do século XIX, o que não exclui outras épocas nem outros sujeitos. Já que “[...] O escritor realista tomará a sério as suas personagens e se sentirá no dever de descobri-lhes a verdade, no sentido positivista de dissecar os móveis do seu comportamento.” (BOSI, 2017, p. 179).

Ainda para Alfredo Bosi, “O ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira acha-se na ficção de Machado de Assis.” (BOSI, 2017, p. 184), aspecto que, notadamente, pode ser ilustrado a partir do conto *Missa do Galo*, ao qual lançamos nosso olhar de leitor, na tentativa de elencar as (res)significações sobre a mulher (in)submissa pelo não convencional da linguagem literária, característica inerente à obra e a Machado de Assis.

3 (IN)SUBMISSAS MULHERES MACHADIANAS: UMA LEITURA

O conto *Missa do Galo* teve sua primeira publicação em 1899, época em que Machado de Assis alcançara sua plena maturidade literária, as críticas e à recepção

de seus escritos; *bem como suas características inerentes às suas narrativas e poemas, a exemplo da ironia, da ambiguidade, e em pequenas sugestões que não foram ditas, onde criam um espaço para diversas interpretações, a partir de forma bem estruturada e sugestiva ao leitor, uma vez que não por não saber o que esperar de seus personagens tão marcantes.* (Essas questões são muito características da Prosa de Poe).

De acordo com Antonio Candido (2000, p. 29) discorre o seguinte sobre essa questão:

Não são mais as palavras que constituem as personagens e seu ambiente São as personagens (e o mundo fictício da cena) que “absorveram” as palavras do texto e passam a constituí-las, torna fonte delas-exatamente como ocorre na realidade. (CANDIDO, 2000, p. 29).

O conto em questão que se passa em uma noite de Natal e reafirma o mundo fictício proposto por Candido, no qual se estabelece diálogo pelo processo verossímil, análoga às práticas natalinas, que no contexto atual se mesclam com outras culturas, inclusive do consumo, contrapondo a mais tradicional e religiosa. A passagem por essa data seria envolta de todo um significado, já que na história, a meia noite do dia 24 de dezembro, um galo teria cantado fortemente o nascimento do menino Jesus, por isso a sua nomenclatura.

Essa primeira alusão trazida por Machado de Assis, é relatado pelo personagem Nogueira, que se encontra em suas lembranças vividas em outra época, na qual teria viajado para a cidade do Rio de Janeiro, vindo do interior para a capital estudar o “preparatório”, e nessa ocasião ficaria hospedado na casa de um parente.

Seu Meneses, viúvo de uma prima de Nogueira e casado atualmente com Conceição, a personagem feminina do conto, é a típica mulher machadiana, de comportamento ambíguo, misterioso como nesse trecho do conto: *“Pouco a pouco, tinha-se inclinado; fincara os cotovelos no mármore da mesa e metera o rosto entre as mãos espalmadas.”* Mostrando aqui uma das características da machado a “ironia”. Nessa casa vivia Seu Meneses, sua esposa, sogra e duas escravas, a qual acolhera Nogueira, para estudar no Rio de Janeiro, sendo hóspede na casa do escrivão Meneses.

Na noite da véspera de Natal, Meneses vai encontrar a amante e

Nogueira fica acordada lendo e aguardando o horário para ir à missa com o vizinho. Conceição acorda e os dois começam a conversar, falam de assuntos variados, riem se aproxima no intuito de falar mais baixo para não acordar D. Inácia, mãe de Conceição.

A trama se segue com o encontro inesperado entre o jovem rapaz de dezessete anos e uma senhora com seus trinta anos, já que descreve o acontecido na noite de Natal em atitudes de camaradagem e compreensão. No recorte citado, vemos aproximação entre Nogueira e Conceição, o que não permite afirmarmos que tenham se relacionado, amorosamente, no entanto, há insinuações a partir das aproximações e conversas sugeridas como o elo entre os dois.

É possível acompanhar pelo diálogo entre Nogueira e Conceição, onde praticamente nada acontece entre os dois, mas algo fica no interdito, de modo que nas situações criadas pelo autor parece nos dizer alguma coisa, “nesse momento tudo pode estar acontecendo” (ASSIS, 2000, p.4), logo, as palavras e os silêncios são capazes de permitir significados à subjetividade dos personagens, tornando em uma esfera misteriosa e de amplas interpretações.

O conto que é narrado por Nogueira já adulto, dizendo não saber explicar o que tinha acontecido naquela noite entre ele e Conceição. Porém, devemos desconfiar dessa narrativa em primeira pessoa, na qual acessamos o ponto de vista por um único prisma:

Pouco a pouco, (Conceição) tinha-se inclinado; fincara os cotovelos no mármore da mesa'. Não estando abotoadas, as mangas, caíram naturalmente, e eu vi-lhe metade dos braços, muito claros, e menos magros do que se poderiam supor. A vista não era nova para mim, posto também não fosse comum; naquele momento, porém, a impressão que tive foi grande. 'A presença de Conceição espertara-me ainda mais que o livro. (ASSIS, 2000, p.4).

Nogueira que tinha o horário da missa a cumprir naquela noite se envolvera em conversa com Conceição, quase esquecendo que participaria do ritual católico em comemoração cristã do nascimento de seu salvador. A conversa entre os dois não permitiu que Nogueira, agora de corpo presente na missa, se concentrasse, pois em suas lembranças reacendiam as imagens de Conceição.

Na manhã seguinte, ao almoço, falei da missa do galo e da gente que estava na igreja sem excitar a curiosidade de Conceição. Durante o dia, achei-a como sempre, natural, benigna, sem nada que

fizesse lembrar a conversação da véspera. Pelo ano-bom fui para Mangaratiba. Quando tornei ao Rio de Janeiro, em março, o escrivão tinha morrido de apoplexia. Conceição morava no Engenho Novo, mas nem a visitei nem a encontrei. Ouvi mais tarde que casara com o escrevente juramentado do marido. (ASSIS, 2000, p. 7).

Como toda obra machadiana existem vários pontos importantes a serem citados, como o comportamento ambíguo de Conceição, observado pelo Meneses, a noite, mulher sedutora, no outro dia, discreta e indiferente aos acontecimentos anteriores, como se aquele dia nunca tivesse existido, fosse realmente um milagre de natal. Em segundo lugar, o fato do narrador, Nogueira, não entender uma conversa ocorrida no passado, pois não consegue entender as mulheres.

Podemos aludir a uma atmosfera de sedução e erotismo à noite, os dois sozinhos, e as situações que levam ambos a este ambiente. Nogueira pensa pelo fato de como o marido possuir uma amante e deixa a esposa sozinha na noite de Natal. Há uma dicotomia nesse ambiente, pois o jovem se prende a sua ingenuidade, pois contrasta com a experiência da mulher que é quem domina as ações como uma bela mulher machadiana.

Aceitaria um harém (para o marido) com as aparências salvas', não fazia mal a ninguém, perdoava tudo, 'o próprio rosto era mediano, nem bonito, nem feio' (ASSIS, 2000, p. 2).

Até mesmo os adjetivos não são capazes de compreender o lado oblíquo da personagem, dentro desse contexto, soa como apatia: Conceição é retratada, na verdade, como a mulher boazinha, que aceita tudo, que nada quer, exceto não ofender ou perturbar. De certa forma, a personalidade descrita é uma crítica do autor ao papel que se esperava da mulher na época: submissão e passividade, serem "normais".

Durante a narrativa, Machado de Assis tenta ainda mais aflorar nossa imaginação, tenta dar contornos sensuais a essa personalidade, o que dá ao leitor a impressão - e até a esperança - que Nogueira e ela irão consumir o desejo, insinuado pelas ações das personagens mesmo que implicitamente.

Numa demonstração de completa coerência com o tipo da personagem, o autor faz com que ela acabe perdendo o interesse pelo rapaz, e comece novamente a pensar em trivialidades, como coisas do seu dia a dia que teria para fazer, quando

"entrou a olhar à toa para as paredes".

Essa forma de pensar se desfaz, a "santa" prevalece sobre a adúltera, a passividade sufoca o desejo, tornando Conceição, nas palavras de Nogueira, "como sempre, natural, benigna" um atenuante para Machado de uma mulher sem interesse. Essa passagem marca pelo fato da confusão que passa Meneses.

Toda a trama acontece na sala da frente, de uma casa citada por Meneses como assombrada, localizada na Rua do Senado, Rio de Janeiro.

Havia uma mesa no centro da sala, algumas cadeiras, cortina na janela, um canapé e um espelho. Nas paredes, dois quadros completavam aquela atmosfera de cumplicidade entre Conceição e Nogueira. (ASSIS, 2000, p.4).

A narrativa em seu ponto mais elevando desfecha para Conceição, que começa a ficar inquieta, andando de um lado para o outro e, quando se senta, "cruza as pernas de uma maneira sensual, despertando a libido de Nogueira, que via em Conceição uma mulher "linda, lindíssima (...)."

O desfecho, o encanto daquele momento termina quando no momento em que vizinho bate na janela, chamando Nogueira para juntar-se com ele para irem juntos à Missa do Galo. A partir daí ficam apenas as memórias de Nogueira, que lembra do pisar mansinho no corredor de Conceição pelo corredor e sua incompreensão, não somente da admirada mulher com quem compartilhou conversar, mas das mulheres e suas (in)definições.

O narrador não consegue entender o que lhe aconteceu naquela noite: "Há impressões dessa noite que me aparecem truncadas ou confusas", chegando até mesmo a mudar seus relatos numa forma confusa de explicar o que houve a muito tempo atrás, que no início ele há via somente como uma mulher madura e simpática e se transforma em uma linda, belíssima mulher.

Mais baixo, a mamãe pode acordar. E não saía daquela posição, que me enchia de gosto, tão perto ficavam as nossas caras. [...] Afinal cansou; trocou de atitude e de lugar. Deu volta à mesa e veio sentar-se do meu lado, no canapé. Voltei-me e pude ver, a furto, o bico das chinelas; mas foi só tempo que ela gastou em sentar-se, o roupão era comprido e cobriu-as logo..." "O quê? Perguntou ela inclinando o corpo para ouvir melhor. (ASSIS, 2000, p.5).

Percebemos pela descrição como metáfora que significa a vida ou ainda a morte, já que os desejos mais íntimos não podem ser aflorados. Vemos ainda uma

dualidade vivida por Conceição, não entre amores propriamente ditos, mas de não realização enquanto mulher, revelando-se pelos papéis, muitas vezes avulsos ao seguir padrões sociais e ao mesmo tempo questioná-los, transgredindo-os.

D. Conceição é a personagem que permite o encontro com a psique humana, que envolve Nogueira, apesar de ser o personagem narrador, desnuda pela metáfora do Natal, que também vai além do rito religioso e nascimento de Cristo, uma vez que simboliza a família na cultura ocidental, tão logo, desconstrói ou pelo menos questiona padrões pela sutileza.

4 CONCLUSÃO

Tendo em vista a observação das particularidades presentes no conto, “Missa Do Galo” que está inserido no contexto da Literatura brasileira, nosso estudo contribui com a ampliação da pesquisa sobre a obra machadiana, acreditamos ter alcançado nosso objetivo de analisar os aspectos mais relevantes, a nosso ver, que é a mulher de forma ambígua.

Ponderamos que o presente trabalho buscou compreender os papéis de Conceição na trama, na vida de Nogueira, que vivem em dicotomias entre o ser e o estar. Tais questões são possíveis pelas palavras articuladas pelo autor ao provocar olhares desconfiados ao leitor, o qual pode ser enganado pelas sutilezas, pelos gestos e provocações atribuídos às suas personagens.

Com a apresentação da personagem e as perspectivas para os contos que foram abordadas aqui neste artigo, temos o realismo como uma corrente capaz de colher o que há de mais irônico no homem, como a má fé e falta de caráter, e colocá-los em um conto ou mesmo em quaisquer outras formas de escrita.

O movimento realista cumpriu bem essa proposta ao longo do século, quando foi retratado pelo próprio Machado de Assis um cenário realístico, na esfera ficcional em diálogo com acontecimentos da sociedade da época, perpassando a gerações memórias que ressignificam o presente a partir do que foi legado.

A proposta de reler Machado de Assis, especialmente “Missa do Galo”, permitiu, inclusive, novos olhares, novas considerações, de modo a aproximar personagens que coexistem em planos diferentes, do real ao ficcional. Foi possível ainda compreender os interditos femininos na figura de Conceição, que ora sorri, ora

omite, ora insinua, ora desvia o olhar; que a nós funciona como jogo complementar aos questionamentos dos valores sociais hegemônicos de uma sociedade patriarcal.

Enfim, a personagem de ficção machadiana retrata situações (in)compreendidas por alguns e provocativas a outros, ambas mostradas pela visão do narrador, que é influenciado pelo meio onde vive ou mesmo pelo que conhece das ciências no mundo, algo que fica expresso a cada linha que se lê. Dessa forma, não podemos acreditar somente no que nos mostra Nogueira sem considerar a visão de Conceição, que se mostra oblíqua, sensual, silenciosa, mas que permite pensar em novas possibilidades tanto para o leitor quanto para sujeitos que se sintam representados em suas metáforas.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. **Missa Do Galo**. Contos. São Paulo: Ática, 2000.

BOSI, Alfred. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43ª. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 8ª. ed. São Paulo: Ática, 2006.

CANDIDO, Antonio. [et al]. **A personagem de Ficção**. 10ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2000.

_____. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In:_____. **Questões de estética e de literatura: a teoria do romance**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardine et al. São Paulo: UNESP, 1993 [1923-1924], p. 13-70.

GOLTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto**. 11ª. ed. São Paulo: Ática, 2006.

FARACO, A. F. **Autor e autoria**. In: BRAIT, B.(ORG). **Bakhtin conceitos chaves** . São Paulo: Contexto, 2008.

XAVIER, Therezinha Mucci. **A personagem Feminina no Romance de Machado de Assis**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.